

Imagem arranhada

Lauro Rutkowski

Da equipe do **Correio**

A imagem do Fernando Henrique domador de inflação está se transformando em uma vaga lembrança. Na cabeça do brasileiro, o presidente timoneiro do Plano Real foi substituído pelo que não consegue gerar empregos, elevar renda, combater violência, nem atender aos anseios de uma vida mais digna. Tanto que as diversas pesquisas de opinião dos últimos meses mostram que menos de 30% da população aprova sua administração — um percentual muito baixo em comparação com os mais de 50% exibidos há cinco anos.

Pode parecer ingratidão, mas

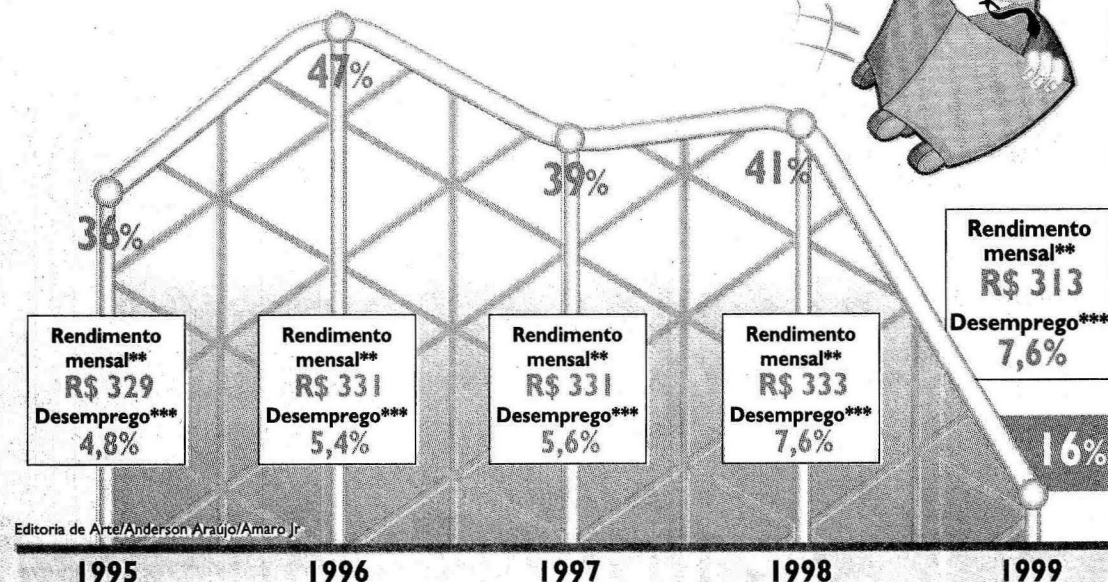
nem mesmo a melhoria de indicadores constatada pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad) do IBGE no período 1995-1999 foi suficiente para manter a paz entre o povo e seu presidente. A Pnad/1999 mostrou que a partir de 1995 ficou mais fácil comprar telefone, ter acesso a esgoto e energia elétrica, colocar as crianças na escola pública e adquirir eletrodomésticos. Em comparação com dados colhidos no começo da década, esses indicadores de bem estar de 1999 poderiam ser erguidos como um troféu.

Só que a mesma pesquisa constatou um fato preocupante: durante o mandato de Fernando Henrique, o poder aqui-

sitivo subiu, caiu e ficou estagnado em patamares semelhantes aos do período pré-Plano Real. Com agravantes. A renda despencou de forma abrupta de 1998 para 1999, justamente quando houve desemprego crescente. Em 1999, ano da desvalorização do real frente ao dólar, a remuneração média dos ocupados apresentou redução de 7,1% em relação a 1998, segundo dados da Pnad. “Essa queda na renda e o aumento do desemprego estão mais quentes na cabeça do que o controle da inflação e outros benefícios do Plano Real. Dizem que o povo tem memória curta. E é verdade”, analisa o cientista político e professor universitário David Fleischer.

DE OLHO NO GOVERNO

A queda na renda do trabalhador e o aumento do desemprego derrubam a popularidade do presidente Fernando Henrique Cardoso



Editoria de Arte/Anderson Araújo/Amaro Jr

*Pesquisas Datafolha (soma de conceitos ótimo e bom)

*** PED/IBGE

** Rendimento médio mensal das pessoas de 10 anos ou mais de idade (Pnad/IBGE)



Brasileiro se sente enganado

A psicóloga Maria Orieta Porto acredita que o brasileiro está se sentindo enganado pelo presidente e vive um momento de desencanto com sua figura. "A irritação faz parte de um processo de frustração acumulada. Hoje as pessoas se dão conta de que viviam uma ilusão.". No imaginário coletivo, o Real já entrou no rol dos planos que, de alguma forma, fracassaram após um período de euforia. Uma comparação ilustra o que se passa na cabeça do brasileiro. Se um adulto apresente uma criança com um doce e, em seguida, retira a guloseima de sua boca, ela ficará com raiva. No relacionamento do povo com o poder (corporificado pelo presidente), dá-se algo parecido. "Hoje se vive a sensação do doce provado e retirado", diz. O doce era a moeda forte, abalada com a desvalorização do real em janeiro de 1999.

GUINADA À DIREITA

De certa forma é o que acontece com o agitado videojockey Luiz Thunderbird, da MTV, mas por motivos especificamente políticos. Ele foi eleitor de Fernando Henrique e se sente traído. Apesar de ter votado no petista Luiz Inácio Lula da Silva contra Fernando Collor, em 1989, não quis arriscar nas eleições seguintes: votou em Fernando Henrique para evitar que alguém de direita fosse para o Palácio do Planalto. "Pô, o cara é sociólogo, foi professor da Sorbonne, sempre foi de esquerda. De repente, para se reeleger, fez aliança com todo mundo, inclusive muito à direita. E o social, como é que fica?", reclama Thunder.

Em pesquisas de opinião pública, o descolamento da imagem de Fernando Henrique das coisas boas da vida é cristalino. Na última pesquisa Ibope de 1999, encomendada pela Confederação Nacional da Indústria, 48% dos dois mil entrevistados consideravam o governo ruim ou péssimo. E só 26% aprovavam o presidente. Na avaliação do cientista político, Murilo Aragão, da consultoria Arko Advice, quatro razões justificam a impopularidade. A primeira: o governo não capitaliza as boas coisas que faz, nem desfaz a imagem de imobilismo diante da crise de emprego e renda. A segunda: sofre com a insatisfação decorrente da desvalorização do real. A terceira: não elege prioridades populares, como o plano nacional de segurança pública. A quarta: o aquecimento econômico tão alardeado não trouxe os efeitos que o governo previa. (LR)